

A vertical bar on the left side of the page, composed of several thin, parallel stripes in blue, green, yellow, and red.

EM BUSCA DE SENTIDOS

MATERIAL EDUCATIVO

SINTOMAS
DO ΔGORA

INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO

CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO



Impossible
3/9/60

Maria
1960



Impossible, 1946

MARIA MARTINS

Gravura em metal, 22 x 17 cm

Coleção Colação Paulo

O material “Em Busca de Sentido: Sintomas do Agora” propõe um percurso de indagações e reflexões coletivas sobre a natureza e seus muitos entendimentos; sobre o cotidiano, o simbólico, o fantástico e o real, o imaginativo; sobre os conflitos contemporâneos, a história social brasileira e a humanização de corpos historicamente discriminados e marginalizados. Para tal, busca-se uma confluência a partir de “*Impossible*” (1946), gravura em metal da artista Maria Martins (1894-1973), para traçar caminhos rumo às reverberações do mundo de agora.

Maria Martins, de múltiplas mídias e de renome internacional, frequenta ateliês de expressivos artistas europeus do século 20, como Marcel Duchamp (1897-1968), Salvador Dalí (1904-1989), Brancusi (1876-1957), Marc Chagall (1887-1985) e André Breton (1896-1966), sendo o último, responsável pelo convite para ela entrar no grupo surrealista da época. Sua adesão se dá numa identificação genuína com o movimento europeu, com seus trabalhos transitando em formas metamorfoseadas, típicas do surrealismo, no qual corpos são distorcidos, alongados e fundidos com figuras vegetais e animais.

A repercussão e aceitação no exterior não refletem da mesma forma no Brasil de 1950. Nacionalmente, sofre muitas críticas por suas obras não se encaixarem nos ideais concretistas e, posteriormente, neoconcretistas. Ela busca sua afirmação com a representação de um imaginário mitológico amazônico, refletido em uma série de esculturas em bronze, como “Não te Esqueças Nunca que Eu Venho dos Trópicos” (1942) e, mais tarde, “O Impossível” (1945), com a gravura em metal em referência à escultura. Passados mais de 50 anos desde a sua morte, a produção assume lugar de protagonismo e reconhecimento no campo das artes visuais do Brasil, sendo aclamada em inúmeras exposições e produções audiovisuais.

A gravura “*Impossible*” (1946) ganha destaque na exposição “Sintomas do Agora”, com curadoria de Francine Goudel no Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação, em Florianópolis (SC), entre maio e novembro de 2025, reunindo diferentes artistas e períodos, com o objetivo de gerar um espaço de diálogos. Ao transitar por temas como biodiversidade, consumo, cidadania, multiculturalismo e subjetividade, coloca como convite a construção de possíveis imaginários e Maria Martins como um mote para o pensamento de criação deste material educativo, revelando-se no desejo de apontar as importâncias, não só para uma arte brasileira, mas também para uma condição latino-americana em que a ação colonialista marca fortemente o campo simbólico e as relações de poder, incluindo as artes visuais.

A obra de Maria Martins apresenta dois seres opostos, frente a frente com seus tentáculos criando uma tensão. Projetam uma sensação de desejo e violência, estimulando a análise de uma relação de poder e submissão das formas. Condensa um encontro que nunca se completa, colocados diante da impossibilidade de união, atravessados por forças aparentemente desiguais. Tais reflexões, deslocam-se para os intentos enquanto possibilidade de transformações, sejam eles nos aspectos práticos e conceituais, remetendo à vida, à arte e à própria história do país, cujo passado violento embala as narrativas hegemônicas. Como é possível alcançar um posicionamento sensível para as questões do meio ambiente, sociais e históricas, agir de maneira ética e política a partir das materialidades artísticas de diferentes tempos?

Das obras selecionadas para o material, destaca-se a seleção de artistas brasileiros, cada qual com sua intensidade, posicionamento social e político perante os indícios de suas épocas, dos precedentes, passando pelos modernos e incluindo os contemporâneos. Projeta-se a construção de uma estética de ruptura para o olhar colonizador, invadindo outros imaginários possíveis para a afirmação de uma arte atenta ao tempo de agora. Assim como a exposição “Sintomas do Agora”, o presente material educativo não busca definir razões únicas para as questões atuais. Trata-se de um convite aos públicos a pensar e conversar sobre as relações entre arte, história, vida e política, aproximando objetos artísticos de seus contextos ou territórios, para que o desejo, agora liberto de condicionamentos, seja força de reinvenção contínua de si e do mundo.





Samaúma, 2016

MIGUEL PENHA (povos Chiquitano e Bororo, Cuiabá, MT, 1961)

Óleo e alkyd sobre linho, 50 x 50 cm

Coleção Collaço Paulo

Natural do Mato Grosso do Sul, centro-oeste brasileiro, Miguel Penha (1961) nasce às margens do rio Cuiabá. Carrega uma dupla nacionalidade indígena, por parte do pai, descende do povo Chiquitanos, localizados no leste da Bolívia, fronteira oeste com o Brasil. De sua mãe carrega a ancestralidade dos Bororos, povo que habita o estado natal do artista. Essa dupla influência reverbera no imaginário e na criação de Miguel, apresentando em suas obras mais do que a representação de árvores ou biomas de sua localidade. O que surge do contato entre arte e ancestralidade indígena é a busca de uma plasticidade naturalista, juntamente a um caráter mágico, sacro ou ainda cosmológico.

Em sua obra, “Samaúma” (2016), revela uma distinta relação com a natureza e o entendimento da cosmopercepção¹, no qual pratica-se a sensorialidade com o mundo de forma ampla e singular, para além

1. Termo proposto por pensadoras como Oyèrónké Oyèwùmí, que descreve uma concepção de mundo de forma mais inclusiva do que o termo ocidental “cosmovisão”. Enfatiza que os diferentes grupos culturais, como os povos africanos e indígenas, têm suas próprias formas de perceber e experienciar a realidade, que muitas vezes são baseadas na sensorialidade, na relação com a natureza como parte do ser e em formas de organização social transcendentais à visão ocidental.

do sentido da visão da cultura ocidental. A representação da árvore sobressai na composição, afirma sua importância central na organização estética, coloca o espectador de frente para a “rainha da floresta” ou “árvore da vida”, como é comumente conhecida. De suas características que a tornam tão especial, destaca-se a capacidade de trazer para a superfície águas profundas do subsolo, irrigando toda vegetação à sua volta. De suas raízes enormes, se faz o rapé, além de suas propriedades anti-inflamatórias e diuréticas. Ao bater em suas raízes, o som se propaga a mais de um quilômetro de distância, servindo como um tipo de comunicação dentro da floresta.

De que maneira o entendimento da natureza como uma entidade mítica, evidenciado na obra de Miguel Penha, pode influenciar sua relação com o ambiente ao seu redor? Qual é a possível aprendizagem ao considerar a natureza como algo vivo e interconectado, em vez de um elemento dado *a priori*, ou ainda, apenas como produto de consumo?

Você já passou por alguma experiência reveladora de uma conexão mais intensa com algum elemento da natureza? Comente como se deu esse encontro e que sentimentos despertaram. Que reflexões se pode retirar desse contato?





Estudo - Árvores: Dia Sem Sol, 1908

JOÃO BAPTISTA DA COSTA (Itaguaí, RJ , 1865 – Rio de Janeiro, RJ, 1926)

Óleo sobre madeira, 27 x 21,5 cm

Coleção Collaço Paulo

João Baptista da Costa (1865-1926), reconhecido como um dos eloquentes pintores do gênero de paisagens em sua época até os dias atuais, também é desenhista e professor. No primeiro material educativo “Em Busca de Sentidos”, disponível no site do instituto, você encontra um capítulo sobre o gênero de paisagem e o artista em questão. Em uma breve retomada de sua biografia, há o recebimento da medalha de ouro e o prêmio que concede uma viagem ao exterior, onde estuda em Paris, em 1894. Em seu retorno, torna-se professor da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro e, posteriormente, diretor. O ensino do gênero da paisagem passa por mudanças ao longo da história, inicialmente sendo aprendida através de gravuras e pinturas, até começar a se configurar com a observação ao ar livre. Baptista da Costa começa seus estudos de pintura e desenho dessa maneira, levando o cavalete, o conjunto de tintas e a tela para observar a natureza real e realizar seu próprio recorte.

A pintura, “Estudo – Árvores: Dias Sem Sol” (1908), compõem-se por um pequeno recorte de uma paisagem. Na parte superior, vislumbra-se esse dia nublado carregado de nuvens e algumas aberturas de um céu azul. Em um primeiro plano, uma grama alta, com flores amarelas, seguida por árvores frondosas que bloqueiam a vista de uma estrada de terra; duas sugestões de construções ao fundo, e novos esverdeados que enchem a tela. A predominância dos verdes se dá nos mais variados tons, assim como o recorte escolhido pelo artista: com uma abertura, semelhante a uma janela, Baptista da Costa apresenta uma natureza tal qual a enxerga em dia nebuloso, uma imagem que atravessa os anos e chega aos visitantes dos dias atuais como uma lembrança.

As cidades e bairros se modificaram ao longo desses anos e continuam no processo de mudança. Casas antigas abrem espaços para prédios espelhados, praças desenhadas por arquitetos renomados agora com um intenso tráfego de carros e ônibus. Porém, pensando em algo mais intimista, como seria descrever, hoje, a paisagem vista pela janela de sua casa? Quantos recortes é possível realizar? E quais cores predominam na paisagem?



É possível pensar a pintura como um registro de uma memória? O que se perde durante a ação de tentar capturar o entorno? Quais escolhas você faria para estarem presentes e ausentes nessa observação?



O Diálogo, 1988

GILVAN SAMICO (Recife, PE, 1928 – idem, 2013)

Xilogravura. 93 x 61 cm

Coleção Collaço Paulo

Gilvan Samico (1928-2013), gravador, pintor, desenhista e professor pernambucano, usa fortemente a visualidade das gravuras de cordel, típica da região nordeste, para afirmar sua poética, calcada de maneira consistente entre o real, simbólico e o fantástico. Representações de pássaros, serpentes e figuras humanas invadem o repertório vivo do artista, assim como os objetos celestes, estrelas, luas, sóis e cometas.

A xilogravura, “Diálogo” (1988), aponta para uma composição simétrica e com aparente equilíbrio nos campos de força entre o masculino e feminino. Os dois personagens repousam sentados, sendo banhados pelas águas despejadas da boca do pássaro; em ambos os lados, duas luas indicam a passagem crescente e minguante do satélite natural. No centro das figuras humanas, duas serpentes estão entrelaçadas, enquanto na parte de baixo há a presença da estrela de Davi com dois outros pássaros que abrem suas asas.

Um aspecto interessante na materialidade da obra de Samico é a linguagem: a gravura em madeira ou xilogravura. Em um passado não distante da história da arte, a gravura aparece como uma arte menor, menos valorizada do que a pintura e a escultura, consideradas artes maiores. No Brasil, está muito ligada à literatura de cordel e à arte popular nordestina. Um dos pontos que chamam a atenção é a maneira como o artista agrega características, como as pontuadas, elevando o caráter dito menor da técnica para a construção rica em conexões observadas na imagem.

Diante de todo simbolismo e elaboração fantástica desenvolvidas por Samico, quais histórias o casal representado pode contar, quais diálogos poderia tecer?

De que maneira traçar diálogos entre o real, o fantástico e o simbólico? Onde elas podem tocar o mesmo lugar e que conversas podem surgir?





Árvore da Vida, c. 1960

ELI HEIL (Palhoça, SC, 1929 – Florianópolis, SC, 2017)

Óleo sobre tela. 69,5 x 89,5 cm

Coleção Collaço Paulo

Eli Heil (1929-2017) é uma artista singular no campo das artes. Sua obra nega qualquer tipo de definição estilística rígida, por mais que as tentativas aconteçam. Já foi classificada de primitiva, expressionista, surrealista, arte pop, incomum e imaginária, tentativas essas que buscam dar conta do trabalho de uma mulher, cujo fazer criativo funda possibilidades múltiplas para a estruturação de um universo poético, rico em cores e texturas, seres e afetos pelo mundo. Ela fala sobre uma “maternidade artística, tudo o que eu faço é como se fossem meus filhos”¹, então, de suas gestações, origina-se uma linguagem visceral, entregando tudo de si nas formas e seres a partir de seu gesto.

1. <https://catarininas.info/a-catarinense-eli-heil-e-sua-arte-libertadora-de-seres/> Acessado em 14/07/2025.

Seu trabalho, “Árvore da Vida” (c.1960), expõe uma relação harmoniosa no entendimento da natureza e seus animais. Formas e seres surgem no fazer e Eli explora o movimento e cores de maneira muito característica, revelando seu autodidatismo, e, conseqüentemente, a criação de uma técnica particular e apurada. Das texturas que dão origem ao movimento, aparecem as cores, como se em um único gesto formasse toda a vida da obra. A árvore se esparrama por toda composição, engloba uma espécie de placenta nos dois cantos inferiores, fruto de uma gestação animal/vegetal ou simplesmente da própria vida.

A obra de Eli Heil mistura o animal, o vegetal e o humano. O que dizer sobre as fronteiras entre esses elementos? Há separações entre eles ou você acredita que estão mais conectados do que parecem? Que conexão poderia vir da união dessas três categorias?

Você consegue perceber poesia ou vida nas formas mais simples do cotidiano? Conte sobre a sensação já sentida ao perceber o mundo de maneira mais sensível?

Como seria o seu “universo poético” se pudesse criá-lo livremente, sem regras ou estilos prédefinidos? Quais cores, formas ou seres ele teria?



Artista
1947



Dom Quixote, 1947

CANDIDO PORTINARI (São Paulo, SP, 1903 – Rio de Janeiro, RJ, 1962)

Óleo sobre papel. 62 x 40,6 cm

Coleção Collaço Paulo

Candido Portinari (1903-1962), paulista, pintor, gravador, ilustrador e professor, um dos pintores mais importantes do cenário brasileiro com projeção internacional. Estuda na Escola Nacional de Belas Artes e, em 1928, ganha o tão esperado prêmio, a medalha de ouro que concede viagem à Europa. As décadas de 40 e 50 são as mais promissoras na carreira, com exposições e convites para confecções de murais no Brasil e exterior. Sua temática perpassa questões sociais, temas caros ao artista também militante comunista e político, assim como outros de sua época. Em 1947, tenta sem sucesso uma eleição para senador. Depois, devido às perseguições, exila-se no Uruguai. No mesmo ano, convidado por Jorge Lacerda (1914-1958), futuro governador de Santa Catarina (1956-1958), então diretor do jornal “A Manhã” e fundador do suplemento “Letras e Artes”, Portinari realiza a capa especial do anexo, em homenagem ao escritor Miguel de Cervantes (1547-1616).

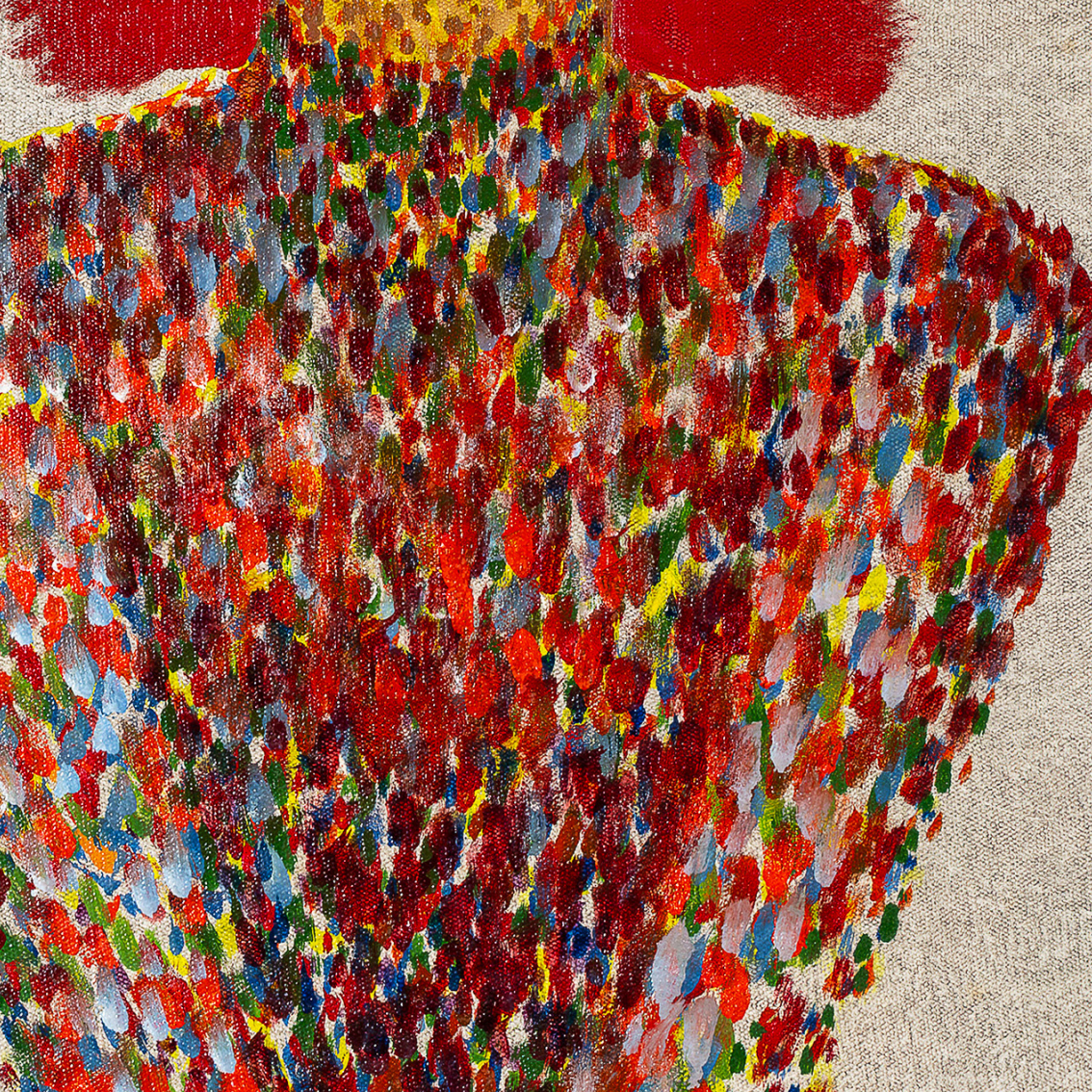
Em uma folha de papel de aproximadamente 60 x 40 cm, utiliza tinta à óleo, traça o rosto do personagem espanhol mais famoso, sobrepondo camadas distintas que configuram outros elementos para esse retrato, com uma mescla entre desenho e gravura. Cervantes, nascido em Alcalá de Henares, Espanha, entre a Idade Média e o Renascimento, atua como soldado. Preso em determinada situação, começa a escrever no encarceramento suas experiências no livro clássico “Dom Quixote”. Nele entrelaça sua biografia com a ficção, criando uma realidade que contrasta entre o real e o imaginário. Ele constrói um personagem com senso de justiça, lutando por seus ideais, confrontando a realidade e sendo colocado no lugar de “louco” por não seguir as convenções sociais.

Os artistas podem ser reconhecidos pela predominância de algumas formas, quais traços resistem na obra de Portinari que permitem seu reconhecimento? Pensando para além dos gestos, quais temas ou poética sobrevivem em Portinari?

Quais outros personagens literários e das artes visuais compartilham das características de Dom Quixote? Quais outros pintores discutiram temas sociais?

Syeon83





Mago, 1983

SIRON FRANCO (Goiás, GO, 1947)

Acrílica sobre tela. 70,5 x 60 cm

Coleção Collaço Paulo

Gessiron Alves Franco, mais conhecido como Siron Franco (1947), é artista brasileiro de expressão, em sua multiplicidade explora pintura, escultura, ilustração, desenho, gravura e direção de arte. Atento aos acontecimentos políticos e sociais do Brasil, desenvolve inúmeras séries em pintura, assim como, esculturas e monumentos públicos, aproximando o diálogo das importâncias indígenas, lutas do povo brasileiro e a preservação da flora e fauna.

O trabalho “Mago” (1983) indica uma outra camada nessa trajetória artística. Expõe sobre uma condição mítica de seres fantásticos habitando o imaginário de Siron e fundando a complexidade de seu universo. Tal pintura sugere uma transformação, ou ainda, uma metamorfose como libertação do ser, uma vez que o artista indica detalhes de uma aparente borboleta na composição da figura. De forma geral, o simbolismo do mago está ligado à capacidade de transmutar ideias em realidade, de usar o saber e a intuição para gerar mudanças no mundo. O fundo da tela aponta um lugar bruto, ainda em formação, alheio ao espaço e tempo, sugerindo o etéreo como território de formação dessa figura enigmática.

A imagem de um fundo bruto, ainda em estruturação, como aparece na obra “Mago” (1983), lembra algum momento de sua vida em que tudo parecia indefinido? Como esse espaço pode representar o início de algo novo?

Ao observar a obra de Siron Franco, levando em consideração o simbolismo presente na representação do mago, como essa figura mítica pode indicar um lugar de transformação pessoal e para o mundo?

Se fosse o mago, como o da obra, qual seria sua grandeza mágica? Ou ainda, quais ideias você transformaria em realidade?





Porta do Inferno, 2007

PAULO GAIAD (Piracicaba, SP, 1953 – Florianópolis, SC, 2016)

Técnica mista. 200 x 140 cm

Coleção Collaço Paulo

Paulo Gaiad (1953-2016) é tido como um dos mais expressivos artistas de Santa Catarina que, apesar de não ter nascido no Estado, escolhe Florianópolis para viver e trabalhar a partir de 1981. De prontidão inventiva, adota diferentes materialidades e procedimentos para dar formas aos trabalhos artísticos. Na força de seu fazer, apresenta como elemento poético a relação com a memória, entre a lembrança e o apagamento, junto à criação de novas formas possíveis de habitar o tempo de agora.

A obra, “Porta do Inferno” (2007), apresenta uma imagem de guerra, especificamente, a rendição dos soldados alemães da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), algo que evoca uma memória coletiva e, mesmo que grande parte das pessoas não tenham presenciado a violência desse conflito, sua menção ainda toca enquanto humanidade. No trabalho a fotografia, cobre com tinta vermelha todos os rostos da cena, deixando só dois homens que encaram o observador e, de

certa forma, propõem diálogos. Outro ponto nessa costura poética, diz respeito à apropriação de uma obra literária, a “Divina Comédia”, de Dante Alighieri (1265-1321), de onde surge o título e desdobramentos, relação que o próprio artista comenta em entrevista cedida a Mariana de Abreu Bastian, em 2007.

De que forma Paulo Gaiad utiliza a imagem histórica da Primeira Guerra Mundial para criar uma reflexão artística sobre a memória e a condição humana? O que os dois personagens centrais poderiam dizer ainda hoje?

Como a obra, “Porta do Inferno” (2007), pode ser interpretada como uma crítica ou reflexão sobre os conflitos armados atuais e a persistência da violência na história da humanidade?

Como entender o papel da referência literária - a “Divina Comédia” (1321), de Dante Alighieri - na construção simbólica e conceitual da obra de Gaiad?





Ambição, 1937

HELIOS SEELINGER (Rio de Janeiro, RJ, 1878 – idem, 1965)

Óleo sobre tela. 69,3 x 71,3 cm

Coleção Collaço Paulo

Helios Seelinger (1878-1965), pintor e cartunista, estuda na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Em 1901, viaja para Munique, na Alemanha, onde se torna aluno de Franz von Stuck (1863-1928), retorna ao Brasil e, em 1903, conquista a medalha de ouro que concede uma viagem ao exterior, indo à Paris, na França. Seelinger recebe forte influência do professor alemão a partir do simbolismo, pelo interesse das mitologias e o caráter alegórico na construção das imagens, por outro lado, carrega influências francesas do *Art Nouveau* em traços precisos e perfeitos. Boêmio, suas referências também passam pelas ruas, pelo povo, folclore e festas do Brasil. No plano artístico, pode-se considerar o artista como o simbolista brasileiro, traduz os conceitos da escola alemã para um campo mais próximo de onde vive, inserindo nas telas símbolos em diálogo com o cenário nacional.

“Ambição” (1937) é uma pintura com caráter fabuloso: alguns rostos em primeiro plano, braços firmes com mãos duras que lembram partes de maquinário, e atrás dessa cena, engrenagens. O artista confere movimento, dureza, rapidez, o desejo de se alcançar algo que não é mostrado, somente pelo indício de pequenas bolhas coloridas que flutuam em outra velocidade por esse espaço de pressa. Quando o artista realiza a pintura, em 1937, há acontecimentos importantes no cenário político brasileiro: instauração do Estado Novo, golpe de estado de Getúlio Vargas (1882-1954), promulgação da Constituição de 37, perseguições, censura nos canais de informação e um avanço para a industrialização.

Pensando nesse panorama do cenário histórico brasileiro, será que Helios Seelinger, de forma alegórica, questiona esse momento? Como a obra reverbera nos dias atuais em contextos diferentes?

Sabe-se que ambição é necessária para o alcance de resultados, sentimento que estimula o desejo para algo, porém, em excesso, leva a comportamentos antiéticos. Qual o limite para a ambição? É possível o artista traduzir, com poucos elementos, percepções tão complexas?





Da série *Afetocolagens*, 2019

SILVANA MENDES (São Luís, MA, 1991)

Fotocolagem. 167 x 138 cm

Coleção Colloço Paulo

Silvana Mendes (1991), artista visual, maranhense, graduanda em licenciatura em artes visuais pela Universidade Federal do Maranhão (Ufma). Em 2025, conquista o prêmio do 14º Photo Prix Aliança Francesa; em 2023 e 2025, é indicada ao Prêmio Pipa. Sua trajetória artística começa na ocupação dos muros das ruas e nas redes sociais com os lambe-lambes que culminam, posteriormente, em colagens. A fotografia é do interesse do trabalho na qual faz intervenções com pinturas. Muitas imagens são de outros acervos, coletadas por Mendes e, outras, produzidas por meio de um olhar e recorte específicos.

Na série “Afetocolagens: Reconstruindo Narrativas Visuais de Negros na Fotografia Colonial” (2019-2023), Silvana investiga sobre fotografias de pessoas negras e escravizadas, principalmente no acervo Alberto Henschel (1827-1882) que produz imagens na segunda metade do século 19, cuja parte da coleção está disponível no Instituto Moreira Salles (São Paulo/SP). Uma característica de Henschel sobre a qual a artista irá se debruçar é a falta de identificações precisas, como nomes, datas ou qualquer indício de identidade da pessoa retratada. Diante de diversos contextos de produção de imagens, seja com o uso fotográfico

ou da pintura, percebe-se que ela também pode adquirir uma função de poder e apagamento em uma narrativa. Ela parte, então, dessa nebulosidade ancestral de grande parte do povo brasileiro a partir dos buracos e das informações imprecisas, capazes de traçar uma linha do tempo ou uma memória. Silvana Mendes traz um gesto interessante: reescreve as subjetividades da pessoa retratada, dá dignidade e poder, desafiando as narrativas coloniais.

Leia o artigo “O Profeta dos Condenados” (Revista Cult, jul/25), no qual Douglas Barros escreve “não basta ser antirracista, é preciso desestruturar de maneira radical o inconsciente que normalizou a ideia de raça como inferioridade”, sobre o psiquiatra martinicano Frantz Fanon (1925-1991). Como essa construção colonial das relações sociais continuam a reverberar na sociedade contemporânea?

A partir da apropriação de fotografias do período colonial, Silvana Mendes começa seu trabalho recortando e inserindo novos elementos, criando uma narrativa visual a partir da composição de outros contextos, nos quais mulheres e homens podem ser tanto reis quanto santos. Como os elementos apropriados na construção da imagem reverberam para o questionamento dessas narrativas?





Santo, 2022

MIGUEL AFA (Rio de Janeiro, RJ, 1987)

Óleo sobre tela. 200 x 200 cm

Coleção Collaço Paulo

Miguel Afa (1987), artista autodidata, cria do Complexo do Alemão, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Começa a carreira em 2001 com o grafite pelas ruas e muros do lugar, conta com uma passagem pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), contribuindo, ainda mais, para seu olhar apurado para as formas, cores e recortes. A pintura “Santo” (2022), integra uma série de trabalhos intitulada “Sagrado Favelado”, indicada na entrevista disponível no site do instituto, composta pela presença de um único homem de meia idade, com a camisa aberta sugere um dia quente e carregando um objeto de madeira (porta? janela?) em meio a casas aparentemente vazias. Além disso, a obra segue a paleta já instituída pelo artista carioca: os tons ocres transitam pelas mais variadas nuances, com pouca ou nenhuma saturação.

A resistência também perpassa sobre outras escolhas do artista que percorre as ruas, vielas e escadarias do bairro de origem. Aqui, sua paleta adquire também um caráter político, pensando nos corpos marginalizados e excluídos na sociedade e, ainda sim, trazendo afeto e lembranças quando retrata pessoas do seu cotidiano, transformando fotografias e observações em telas de grande ou pequena dimensão.

Como título, “Santo”, elenca um caminho que passa pelo sacro, mas qual sagrado é esse? Afa leva o espectador a outros conceitos periféricos, indaga sobre as certezas preestabelecidas, até uma das várias margens possíveis para se pensar sobre esse homem que não olha na direção do observador, totalmente em contemplação dentro de seus pensamentos e anseios.

O que há de novo no gesto da pintura de Miguel Afa? O que do recorte da história da arte europeia e colonizadora é transpassada e repensada em seu gesto?

A pintura de um homem descendo por uma escadaria, com seu cigarro na boca e uma porta/janela na mão, aproxima-se de outros personagens de vertentes religiosas. Os Pretos Velhos, por exemplo, da Umbanda, conhecidos pela sabedoria e, em alguns casos, uma forma de lembrar sobre as pessoas escravizadas. Pesquise sobre as relações que o sagrado pode ter dentro das comunidades.

O rapper, cantor e compositor Emicida, escreve o texto da exposição “Entra Pra Dentro” (2024, Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro/RJ), e com duas palavras, contempla a poética de Miguel Afa: “Micro universos”. Afa abre espaços para questionar a racialização e a marginalização de corpos, aborda relações afetivas e saberes locais. Como os artistas atravessam territórios ou vão de uma margem a outra questionando e provocando outros conhecimentos?

SINTOMAS DO AGORA

De 15 de maio
a 14 de novembro de 2025

O INSTITUTO

Diretor-presidente

Marcelo Collaço Paulo

Vice-presidente

Jeanine Gondin Paulo

Museóloga

Cristina Maria Dalla Nora

Curadora-chefe

Francine Goudel

Produção de conteúdo e comunicação

Néri Pedroso

Coordenadora do núcleo educativo

Joana Amarante

Arte educador

Marcello Carpes

Serviços gerais

Adriano Lessa

Recepção e atendimento ao público

Júlia Bayer Heidmann

Eduardo Tavares de

Miranda Costa

A EXPOSIÇÃO

Acervo

Coleção Collaço Paulo

Curadoria, expografia, produção executiva e textos

Francine Goudel

Assessoria de imprensa, revisão e edição de textos

Néri Pedroso

Material e ações educativas

Joana Amarante
Marcello Carpes

Coordenação de acervo e montagem

Cristina Maria Dalla Nora

Conservação e restauração do acervo

Sára Fermiano

Montagem

Flávio Xanxa Brunetto

Apoio de montagem

Adriano Lessa
Joana Amarante
Marcello Carpes

Identidade visual

Lorena Galeri

Gestão de mídias sociais

Natália Régis

Fotografia da coleção

Eduardo Marques

Captação de recurso e produção administrativa

Harmônica Arte e
Entretenimento

Realização

Instituto Collaço Paulo
– Centro de Arte e
Educação

Apoio

Sesi

Apoio Cultural

Ibagy, Corporate Park e
Paradigma Cine Arte

Patrocínio

Lei Municipal de
Incentivo à Cultura,
Fundação Cultural de
Florianópolis Franklin
Cascaes e Prefeitura
de Florianópolis

O MATERIAL EDUCATIVO

Coordenação editorial

Joana Amarante

Marcello Carpes

Textos

Joana Amarante

Marcello Carpes

Projeto gráfico

Lorena Galeri

Shayda Cazaubon

Fotografia

Eduardo Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Em busca de sentidos: material educativo [livro eletrônico] :
Sintomas do Agora [organização Joana Amarante, Marcello Carpes] --
1. ed. -- Florianópolis, SC : Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2026.
PDF

Vários Colaboradores.
Acervo Coleção Collaço Paulo.
ISBN 978-65-9794041-7

1. Arte contemporânea - Exposições 2. Arte - Educação
3. Artes plásticas - Exposições - Catálogos
I. Amarante, Joana. II. Carpes, Marcello.

26-372254.1

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes contemporânea : Exposições : Catálogos 700.74

Eliete Marques Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

EM BUSCA DE SENTIDOS

MATERIAL EDUCATIVO

Coordenação editorial

Joana Amarante

Marcello Carpes

Florianópolis, 2026

SINTOMAS
DO ΔGORA

INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO
CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO